

NOVO MUNDO: UMA IDÉIA DA RENASCENÇA

Luiz Renato Martins

RESUMO

A idéia-síntese de "Novo Mundo", que Vespucci afirma, é uma noção negativa para salientar a constituição inédita das terras e povos descobertos. Já o messianismo de Colombo, sua crença no achado de um acesso terreno ao Paraíso, não é exceção; inclui-se num conjunto de interpretações fabulosas, de acordo com modelos literários então vigentes. Como explicar o triunfo da noção de "Novo Mundo", apoiada apenas no debate de idéias e na persuasão dos leitores — à revelia de todos os pareceres eclesiásticos e oficiais, bem como da tradição? A hipótese exposta apresenta a idéia de Vespucci como o resultado, tipicamente renascentista, de uma polêmica contra a episteme escolástica. Nesta chave, tal noção, própria à afirmação renascentista da imanência, encontra-se em consonância com rupturas cognitivas operadas por outros pensadores do período, como Maquiavel e Galileu.

Palavras-chave: Americo Vespucci; América; Renascença.

SUMMARY

The idea-synthesis of a "New World", as asserted by Vespucci, is a negative notion that underscores the unprecedented constitution of discovered lands and peoples. On the other hand, Columbus' messianism, his belief that he had found an earthly entry to Paradise, is not unusual; it is part of a set of fabulous interpretations, based on literary models currently in vogue. How, then, can we explain the triumph of the concept of a "New World", based only on the circulation of ideas and on the persuasion of readers — ignoring all the official and ecclesiastical opinions, as well as tradition? This article vents the hypothesis that Vespucci's idea was a typically-Renaissance result of a polemic against the scholastic episteme. Using this key, the concept, belonging to the Renaissance assertion of immanence, is consistent with the cognitive ruptures initiated by other thinkers of that period, such as Machiavelli and Galileo.

Keywords: Americo Vespucci; America; Renaissance.

A dimensão histórica dos atos de Americo Vespucci, apesar de celebrada na denominação do Novo Mundo, permanece até hoje controversa. O paradoxo, enfrentado por inúmeros estudiosos ao longo dos séculos, pode ser retomado quase intacto.

Suas cartas são contestadas, os documentos são escassos e os testemunhos da época também. Exceto registros de nascimento e morte (Florença, 1451/ Sevilha, 1512), ordens de pagamento da Coroa espanhola, a carta de nomeação para o cargo de *Piloto-Mayor* espanhol e algumas dissertações acadêmicas da juventude, em Florença, inexistem outros

Trabalho apresentado no Congresso América 92, USP (20.8.92) e UFRJ (26.8.92).

indícios seguros. Nada garante as viagens alegadas por Vespucci, duas a serviço de Portugal e outras duas da Espanha, exceto as suas cartas de caráter pessoal, enviadas a Lorenzo di Medici e a Piero Soderini, em Florença, ou seja, a dois destinatários sem controle direto sobre os fatos. Dessa correspondência têm-se só cópias comercializadas nos círculos literários europeus na época.

De outro lado, a inexistência de documentos ou outros registros de suas navegações não surpreende, visto que não se supõe que Vespucci jamais tivesse comandado qualquer expedição. Segundo afirma era membro da tripulação: piloto especializado em astronomia e cartografia. E a sua carta de nomeação, em 1508, para o cargo de *Piloto-Major* de Espanha, com as funções de instruir e examinar os demais pilotos espanhóis e de coordenar e regulamentar o *Padrão Real*, unificando todas as informações cartográficas obtidas pelos espanhóis, só confirma tal habilitação, em ciências novas e raras então, e o apreço oficial que lhe concedeu em troca salário anual e os direitos de nacionalidade.

Neste caso, como o seu nome, à revelia de toda designação oficial, em documentos espanhóis como portugueses, impôs-se entre os europeus como designação do continente recém-descoberto? O que explica tal privilégio ou celebração? Tal é o enigma histórico que os estudiosos trataram de decifrar, sem solução.

O dilema não passa por nenhuma deliberação das potências empenhadas nas navegações, Portugal e Espanha, que se viram obrigadas a aceitar pela força dos fatos uma designação espontânea, estranha às suas nobiliarquias ou às celebrações de Estado. Até a metade do século XVII, a América é chamada oficialmente pela Espanha de Índias Ocidentais.

As variadas biografias de Vespucci concordam em alguns poucos dados referentes à sua origem. A família é ilustre, em Florença, desde meados do século XIII, tendo atuado em diversas ocasiões na administração da cidade. O pai do navegador, "Ser" Nastágio (1426-82), era notário. Nesta geração, também se destacaram dois tios de Amerigo, Guidantonio e Giorgio Antonio. O primeiro foi embaixador de Florença em Roma, junto ao papa, e em Paris, junto ao rei da França, em missão de que teria participado Amerigo em 1478. Giorgio Antonio, frade de San Marco, era humanista e professor eminente em Florença. Amerigo estudou com o tio, como mostram manuscritos conservados de seus estudos acadêmicos e, segundo *La Lettera*, foi, nessas lições, colega de Piero Soderini, posteriormente gonfaloneiro, ou primeiro magistrado da república florentina, e destinatário da *Lettera*. Logo, terá sido como universitário, no convívio com os humanistas e com o círculo de letrados neoplatônicos, mantidos pela corte dos Medici, que Amerigo tomou conhecimento de saberes avançados e sob pesquisa de poucos na época, mencionados nas cartas, como a astronomia e disciplinas afins. As biografias também concordam em que Amerigo se mudou para Sevilha, com cerca de quarenta anos, como administrador da casa bancária dos Medici. Logo, terá sido ao financiar atividades ligadas às expedições marítimas que Vespucci tomou contato com as navegações e os relatos de viagens. Nas

cartas, é como homem de confiança que escreve a Lorenzo di Medici e como antigo colega que se dirige a Soderini, guindado na república ao governo de Florença.

Narra a carta a Soderini:

*[...] o motivo de minha vinda a este reino de Espanha foi para tratar de mercadorias e [...] segui neste propósito cerca de quatro anos, durante os quais vi e conheci os variados movimentos da fortuna e como movia estes bens caducos e transitórios, e como um tempo tem o homem no topo da roda e outro o arroja de si e o priva dos bens que se podem chamar emprestados; de modo que conhecido o contínuo trabalho que põe o homem em conquistá-los, submetendo-se a tantas incomodidades e perigos, decidi deixar de fazer o mercador e pôr meu propósito em coisas mais louváveis e firmes, e foi que me dispus a ir ver parte do mundo e suas maravilhas [...]*¹

O que garante a informação pessoal *a posteriori*? Não tem comprovação e a carta original nunca foi encontrada, assim como todas as outras ditas de Vespucci. Acrescente-se que a descrição dessa reviravolta individual bem pode ser uma reconstrução imaginária, baseada em fórmula retórica da época. Dante, por exemplo, diz: "o ente cujo saber tudo transcende [...] a força instituiu, que os bens aduz/ e permutar os faz, por hora ou ano [...] fora do alcance do desígnio humano"².

Outros indícios reforçam o caráter fictício das cartas. Os primeiros tradutores das cinco cartas e mais um fragmento, atribuíveis a Vespucci, são anônimos e não deixaram traços. As distintas versões existentes não concordam e às vezes são inverossímeis, quanto aos itinerários, datas das viagens e às referências geográficas. O estilo da *Mundus Novus* assemelha-se ao das cartas de Sevilha e de Lisboa, porém o da *Lettera* é discrepante.

Os historiadores lançaram hipóteses variadas em face dos problemas e da heterogeneidade evidente desses textos: a *Mundus Novus* conquistou muitos leitores e a *Lettera* pode ter sido uma falsificação para tirar proveito editorial...; a própria *Mundus Novus* já seria falsa, observam alguns...; o falsário seria o próprio Vespucci, que apenas relatou ou fabulou o que ouviu contar, avançam outros... e assim por diante. A polêmica estourou algumas décadas após a morte de Vespucci. Um estudo de Servet (Lyon: Ed. de Ptolomeu, 1535) apresenta Vespucci como embusteiro. Pouco depois, o bispo Las Casas, que viveu entre os índios, retoma algumas dessas críticas. Em 1601, Herrera, historiador oficial espanhol, reproduz em sua grande obra as críticas de Las Casas. A polêmica se avolumou no curso dos séculos. Considerando-se apenas a bibliografia existente sobre o tema a partir do século XVIII, o abade Bandini, Bartolozzi, Canovai, Marmocchi, Varnhagen, Ferraro, Vignaud, Kerney, Thacher, Markhem, Lester, Ober são alguns dos nomes que participaram dessa polêmica. Ora detratores, ora defensores do

(1) Vespucci, A. *Novo Mundo/ Cartas de viagens e descobertas*. Trad. e introd. Luiz Renato Martins. Porto Alegre: L&PM, 1984, pp. 13 e 106. Idem, *El Nuevo Mundo/ Viajes y documentos completos*. Trad. Ana Maria R. de Aznar. Madrid: Akal, 1985, p. 75. Ambas as traduções incluem o levantamento minucioso das distintas versões dos textos de Vespucci, compilados pelo pesquisador argentino Levillier. Cf. Levillier, Roberto. *El Nuevo Mundo. Amerigo Vespuccio - cartas*; con estudio preliminar de Roberto Levillier. Buenos Aires: Editorial Nova, 1951.

(2) Cf. Alighieri, Dante. "Inferno", Canto VII, v. 73-81, in *A divina comédia*. Trad. Cristiano Martins. Belo Horizonte-São Paulo: Itatiaia-Edusp, 1979, p. 162. No italiano, Dante diz: "colui lo cui saper tutto trascende [...] ordinò general ministra e duce/ che permutasse a tempo li ben vani [...] oltre la difension di senni umani...". Idem. *La divina comédia*. Milão: Rizzoli, 1949. A proximidade do texto de Vespucci com o de Dante, nesta passagem, foi observada pelo abade Bandini (Bandini, abade Angelo Maria. *Vita e lettera di Amerigo Vespucci, gentiluomo fiorentino*. Firenze, MDCCXLV). Para outras similitudes ver também versos 82-96. Todas as citações da obra de Dante, a seguir, referem-se a tais edições.

navegador, mas principalmente empenhados em atacar ou defender a designação do continente, esses eruditos montam arriscadas construções especulativas, sempre refutadas por outros. As variadas hipóteses tomam partido em favor de alguns trechos e requerem a exclusão de outros... Neste século ainda se verificam estudos com operações desse teor. O professor Managhi, da Universidade de Torino, causou escândalo em 1926 ao defender Vespucci com o argumento de que apenas as duas primeiras cartas, de Sevilha e de Lisboa — logo, as menos célebres — seriam verdadeiras. Em 1942 o escritor austríaco Stefan Zweig publicou em Nova York *Amerigo: a comedy of errors in history*, afirmando que uma série de casualidades e equívocos subjaz à atribuição do nome de América ao novo continente. Ao mesmo tempo Zweig aprova a nomeação, dado que, no seu entender, para uma civilização democrática convém o nome de uma personagem comum, sóbria e dedicada como era, para ele, o "funcionário de banco" Vespucci. Em 1947 o historiador argentino Levillier, por sua vez, aponta em *America la bien llamada* a chegada de Vespucci, em abril de 1502, a Puerto Deseado, na costa da Patagônia...

Em suma, pode-se dizer que o problema crucial na mira dessas diferentes interpretações implica a natureza da linguagem: trata-se de elucidar a nomeação do continente, justificando ou condenando a escolha feita. Nesse aspecto, as interpretações consultadas, por contraditórias que sejam, convergem e se equiparam. Todas buscam estreitar a relação entre o nome e o referente. Isto é, tanto do lado daqueles que, em nome da limpidez de origem das demais palavras da língua, acusam "América" como um erro, quanto do lado dos que, advogando a causa do nome adotado, buscam fatos e amoldam a vida de Vespucci para que correspondam verossimilmente à nomeação — o que se quer em suma é eliminar a distância entre a palavra e a coisa. Obter entre o mundo e a linguagem um espelhamento; constituir um sistema abstrato e manso, fundado na similitude essencial entre signo e referente.

A crença na positividade da linguagem subjaz, de um lado e de outro, a todas essas desavenças. Desse ângulo, que evita a questão da natureza da linguagem, como do imponderável que se apresenta em toda fala na relação do agente consigo mesmo, não se distingue um dos problemas cruciais em toda enunciação: a tensão inelutável entre a linguagem e o falante, para ficar apenas num aspecto, e o complexo de decisões éticas aí envolvidas, afetando os diferentes sentidos que a enunciação assumirá nos pólos do diálogo. Nesta questão, Vespucci — ou algum humanista hábil que escreveu em seu nome — afirma repetidas vezes, em suas cartas, a fragilidade e a precariedade das fórmulas conhecidas ante o que descrevia.

Através desse problema de expressão, admitido pelo autor, apresentam-se duas questões que implicam precisamente o caráter inédito da Renascença com relação à cultura precedente, marcada pela hegemonia dogmática. A Renascença comporta um novo estatuto da linguagem, inclusive o plurilinguismo, e a constituição de novas e variadas formas de consciência de si, das quais a glorificação do humano como o ceticismo de

Montaigne constituem momentos marcantes. A ruptura com a escolástica assinala a emergência da cultura renascentista, na qual, como se mostrará, as cartas de Vespucci se inserem legitimamente.

Nesta perspectiva, observa-se o sucesso literário do navegador, por sua vez, trazendo a adoção geral e espontânea do nome "América" para as terras recém-descobertas. As cartas de Vespucci se multiplicaram feito um folhetim de sucesso. Não há muitas notícias sobre as edições, na época, das cartas de Sevilha, datada de 18.7.1500, e de Lisboa, de 1502. Porém, entre 1503 e 1504, registram-se treze edições em latim da *Mundus Novus* (*Novo Mundo*); entre 1505 e 1506, dez edições em alemão; até 1508, várias edições em holandês. E em 1507, uma edição crítica de Ptolomeu, com um trabalho do cartógrafo alemão Waltzemüller, pelo *Gymnase Vosgien*, círculo de eruditos de Saint-Diè, patrocinado pelo duque da Lorena, atribui pela primeira vez o nome de "América" ou "terra de Americo", para o mundo recém-descoberto — um sinal da influência que o texto da *Mundus Novus*, presumido de Vespucci, passara a exercer entre os letrados europeus. Assim, Thomas Morus, pensador e estadista inglês, cita as cartas com deferência no início da *Utopia*, pretextando-as como licença para a sua ficção ensaística. E Montaigne, nos *Ensaaios*, escritos entre 1572 e 1592, dirá: "esse outro mundo que foi descoberto em nosso século"; e "este mundo novo que acabamos de descobrir"³ — frases que repercutem a afirmação altiva da *Mundus Novus*: "Novo Mundo é lícito chamar [...]"⁴. Desponta aí o divisor de águas com a concepção oficial e tradicional, assentada em argumentos de autoridade, de que as navegações teriam chegado à Ásia ou às proximidades do Paraíso bíblico, como afirmava, por exemplo, Colombo. Montaigne, no mesmo ensaio, dando uma mostra de que a questão, muitas décadas depois, permanecia polêmica, é compelido todavia a afirmar que as terras eram novas e constituíam fatos não tratados na tradição.

Mas como e por que essas cartas encontraram tal acolhida? O que guiou a recepção coletiva à revelia das lições tradicionais? Antes de mais nada, tratou-se de um impacto simbólico, na esfera das letras e do humanismo. Neste âmbito não importa se o narrador de fato viajou ou reinterpreto o que ouviu, como querem provar, de um lado e de outro, os seus biógrafos. Significativamente, Vespucci afirma se sentir antecipado por palavras de Dante ou de Petrarca e não por façanhas de Colombo ou de qualquer outro navegador. Ou seja, é para uma interlocução letrada que esses textos se constituem. Neste sentido, não procedem as críticas de historiadores que acusam Vespucci de sonegar o pioneirismo de Colombo, ao evitar mencioná-lo. Só isolado da malha de saber em que era atuante, isto é, das questões debatidas pelos humanistas, é que o texto das cartas se faz impreciso.

As menções insistentes à *Divina comédia* ressaltam que o autor e protagonista, ou quem escreveu sob tal figura, apropria-se estrategicamente daquela obra e de uma personagem em especial; mesmo se inscrita na poesia sob conotação negativa, um elemento do "Inferno", como se verá,

(3) Montaigne, M. de. "Des canibales". In: *Essais*, Livro I, cap. XXXI. Paris: Garnier-Flammariion, pp. 251-2. Na mesma passagem, os comentários citados de um homem que estivera com Vilegaignon, na França Antártica (RJ), também recordam vividamente trechos das cartas de Vespucci.

(4) Diz a passagem: "os quais [países] Novo Mundo é lícito chamar porque entre os antepassados nossos de nenhum deles se teve conhecimento, e a todos aqueles que isso ouvirem será novíssima coisa, visto que isto a opinião de nossos antepassados excede, uma vez que a maior parte diz que além da linha equinocial para o meio-dia não há continente, só o mar, ao qual Atlântico chamaram; e se algum entre eles ali continente afirmou e aquela ser terra habitável, por muitas razões negaram. Mas esta sua opinião ser falsa e à verdade de todos os modos contrária, esta minha última navegação atestou, visto que naquelas regiões meridionais o continente descobri, habitado de mais freqüentes povos e animais do que a nossa Europa, ou Ásia, ou África". Cf. Vespucci, A., *Novo Mundo/cartas de viagens e descobertas*, op. cit., L&PM, p. 89; Akal, p. 55.

representa-se assim um sinal significativo, que Vespucci sente retomar. Em resumo, o navegador florentino ilustra conscientemente e dá continuidade a uma tendência referida cerca de dois séculos antes; aproxima-se para se fazer entender de um tema ou fator tornado familiar em Florença por Dante. Nesse sentido, a apropriação da fábula poética atua como aproximação num contexto problemático em que os termos apropriados faltam.

Assim as cartas citam explicitamente a obra de Dante duas vezes, e mais uma sem mencionar, como se viu. Dentre as citações, uma é significativa para a compreensão do valor que Vespucci se atribui, ou, tanto faz, ao seu duplo imaginário representado como navegador. Trata-se da utilização de Ulisses na *Divina comédia*, que reconverte a personagem com relação ao modelo de Homero, deve-se observar, numa construção intuitiva ou divinatória pelo dom que tem de antecipar o futuro histórico — outorgando com a manobra à figura uma significação útil para Vespucci explicar uma situação nova, dois séculos depois.

A *Divina comédia* situa Ulisses no inferno. Virgílio, a pedido de Dante, interpela o herói grego para saber como se dera a sua morte, não narrada por Homero. Na figuração de Ulisses, no *Trecento*, o herói grego assume plenamente os traços de um navegador, constituindo-se assim num signo antecipatório da epopéia das descobertas. O Ulisses de Dante relata como abandonou Itaca depois dos episódios narrados pela *Odisséia*:

nem de meu filho o olhar, nem a extremada/ velhice de meu pai, nem mesmo o amor/ de Penélope ansiosa e apaixonada,/ nada pode abater o meu pendor/ de ir pelo mundo, em longo aprendizado,/ dos homens perquirindo o erro e o valor./ Lancei-me ao mar, em lenho delicado,/ junto à pequena e fraternal companhia/ [...] ficou Sevilha atrás, pela direita, e foi, à esquerda, Ceuta ladeada./ — Oh irmãos (eu falei), que desta feita/ aos confins avançastes do Ocidente, entre perigos, onde o sol se deita,/ à pouca vida em vós remanescente/ não recuseis a esplêndida experiência/ do mundo ermo e ignorado à nossa frente (Divina Comédia, "Inferno", XXVI, 94-117).

Incluem-se nessa elegia precoce à empresa exploratória e à esfera da imanência, protagonizada por Ulisses, outras coincidências que contribuíram provavelmente para a apropriação do episódio, por Vespucci: o rumo da navegação para o Ocidente, a entrada no hemisfério Sul, a menção às estrelas desta parte do céu... Vespucci tem o cuidado, quando introduz o símbolo épico do movimento errante e fortuito, de corrigir ou precisar a hipótese eurocêntrica, aventada por Dante, através da fala de Ulisses. Assim diz:

pelo grande golfo do mar oceano [...] descobrimos muita terra firme e infinitas ilhas, e grande parte delas habitadas, de que os antigos

*escritores não falam; creio porque delas não tiveram notícia; que se bem me recordo, em algum li [...] que este mar oceano era mar sem gente: e desta opinião foi Dante nosso poeta, no cap. XXVI do Inferno, onde finge a morte de Ulisses*⁵.

(5) Vespucci, A., *La Lettera*, op. cit., L&PM, p. 107; Akal, pp. 75-6.

Não apenas Dante, mas Petrarca, Plínio e outros antigos têm observações comentadas e corrigidas nas cartas de Vespucci. Em síntese, além da procedência humanista da perspectiva, evidencia-se a preocupação, tipicamente renascentista na orientação crítica e imanente, de confrontar o saber antigo com a apreciação da experiência atual. A idéia-síntese que afirma, a de "Novo Mundo", é antes de mais nada uma noção negativa para salientar, à contracorrente da crença geral, a constituição inédita e desconhecida das terras e povos descobertos. A insistência polêmica dos escritos salta logo à vista. A preocupação de refutar os preceitos antigos, nos diversos ramos de saber apreciados na Renascença, é marcante. A afirmação do novo é feita mesmo à custa de formulações insuficientes de que o próprio autor se lamenta, em face do ineditismo da sua experiência. A crítica do seu próprio repertório, a aspiração de escrever no futuro uma obra mais adequada, que recorrem no curso das cartas, reforçam neste sentido o ineditismo da experiência. O termo "Novo Mundo" é um desdobramento lógico das observações feitas na segunda carta em confronto com as da primeira; confronto que se acentua no fragmento de carta, respondendo a objeções⁶, em que Vespucci se vê instado a argumentar para corroborar descrições e constatações anteriores. A fortuna da fórmula "Novo Mundo", como achado de linguagem, contém assim a tensão problemática de formular de modo plausível o implausível experimentado.

(6) Vespucci, A., "Carta fragmentária relativa à terceira viagem", in op. cit., L&PM, pp. 77-84; Akal, pp. 47-54.

Terá a época julgado corretamente na sua adesão majoritária a tal interpretação, a ponto de curvar os poderes oficiais a configurar o novo continente como "Novo Mundo" e "América"? Que virtudes ou expectativas se manifestam nesses nomes? Antes de tal investigação, é preciso notar no processo receptivo o interesse literário e intelectual por um tema congênere, por exemplo, aquele que *Os Lusíadas* (1572) elaborará: a representação e universalização de um complexo afetivo-cognitivo, relativo às grandes navegações. Neste prisma, o navegador das cartas e figuras correlatas pertencem antes de tudo a categorias da imaginação. Equiparam-se a outras figuras lendárias subsequentes como Don Juan — um símbolo, que o "século de ouro" espanhol forjou, combinando conquistas numerosas, opulência e indiferença — ou Don Quixote — outro símbolo espanhol, no caso, do resgate de uma grandeza perdida. Sem descartar portanto os traços congêntos de exagero, inerentes a todos os modelos de extração imaginária, trata-se de investigar a constituição do símbolo, a operação de teor espontâneo e matriz coletiva, o "episódio de opinião pública", que resultou na nomeação de todo um continente a partir de um nome de personagem ou do escritor.

Em resumo, a questão pode partir de algumas premissas: no que toca o enigma da nomeação das terras descobertas, não importa se as cartas eram

de fato verídicas, já que a sua efetividade se comprova noutro plano. Na consideração eminentemente simbólica e literária, conforme requerem a retórica e a orientação humanista do texto, a questão da autoria ou da veracidade das cartas reside fora do campo da leitura e a sua indeterminação não afeta o efeito do texto centralmente. Antes, é no campo da imanência da interpretação verificada, tal como se processou, que se podem observar as implicações da sua forma. A sorte da noção de "Novo Mundo" e a acolhida desses escritos, destacando-os dos demais relatos de viagem, atesta que a opinião contemporânea era potencialmente favorável ao seu ponto de vista. Segundo esta hipótese, o texto em vários planos vai concretamente ao encontro da sensibilidade renascentista. Neste caso, leitura atenta pode comprovar que as observações de Vespucci correspondem, a saber, à revisão do cosmos e da concepção de si, à construção do individualismo, ao estudo da natureza e ao interesse etnográfico, à perspectiva crítica, ao primado da experiência, enfim, à constituição do horizonte imanente que marca, em síntese, a Renascença.

A afirmação do "Novo Mundo" contradita concretamente representações religiosas e retóricas que manifestam um propósito de restauração do passado. Colombo, quando pensa ter chegado à China, descrita por Marco Polo, ou quando escreve ao papa comunicando ter alcançado o Paraíso bíblico, não é exceção. Uma variedade de fórmulas, representando mundos perdidos como civilizações desaparecidas, caracterizava o imaginário corrente da época, como aponta Sérgio Buarque de Holanda em *Visão do Paraíso*, a saber: além das citadas, a Atlântida, de Platão; a Idade do Ouro, de Ovídio; o Eldorado etc... Portanto Colombo como Dante visa o Paraíso; sugere como Quixote, mais tarde, em 1605, uma viagem no tempo e para trás, no afã delirante de compensar uma perda. A designação oficial das novas terras como Índias Ocidentais, que perdurou século e meio na Espanha da Inquisição, reflete a propensão, de origem escolástica, de um pensamento gerado de categorias de semelhança. O neoplatonismo, em cujo ambiente Vespucci se formara, mantivera analogamente a cadeia de formas, que se refletiam umas às outras, perfazendo correspondências harmônicas entre a alma, a natureza e o cosmos; reafirmara, enfim, a mesma estrutura fechada do pensamento medieval. Já a "proposição do Novo Mundo" comporta incógnitas que quebram o primado metafísico da proporcionalidade do cosmos, inerente a sistemas fechados tal a escolástica e o neoplatonismo. A conclusão da *Mundus Novus* é nitidamente antidogmática, encimada pelo subtítulo: "contra a audácia de quem quer saber mais do que é lícito"; e segue:

[...] em língua romana o Iocondo intérprete esta epístola traduziu para que os Latinos saibam quantas admiráveis coisas na jornada se encontra e daqueles se abaixe a audácia, os quais querem o céu e a majestade encontrar e saber mais do que é lícito saber, quando desde tanto tempo que o mundo começou não se encontrou a grandeza da terra e o que nela se contém⁷.

(7) Idem, op. cit., L&PM, p. 100; Akal, p. 69.

A viagem de Vespucci apresenta-se como uma pesquisa. Quando se refere, eventualmente, ao Paraíso, o faz apenas por efeito retórico, com a sutileza de escritor que opera um deslocamento metafórico. Em relação aos costumes, por exemplo, o que observa nas terras descobertas, longe de ser um imaginário estado de harmonia, é uma cena de conflitos vitais e disparidades de toda ordem. Ao observar a crueza e a bravura extrema que atingem as guerras locais, surpreende-se porque não encontra entre as populações nem cupidez de reinar, nem vontade de alargar os domínios, nem posse de riquezas materiais, que, para ele, causam os conflitos entre os homens. Atribui então as guerras a uma antiga inimizade. Paralelamente, dentro das aldeias, observa costumes menos agressivos e comenta que não vê malfeitor nem contendias, nem pais que castiguem filhos, eliminando a idéia de uma ferocidade irrefletida, o que, mesmo sem ser dito com todas as letras, sugere, de modo geral, um processo ético e um quadro que é fruto de autodeterminação. Examina também atentamente os hábitos alimentares, o sentido simbólico do canibalismo, a economia, a política, as línguas, a relação com o tempo e a morte. "Mais vale a prática do que a teoria", sintetiza numa observação dirigida aos filósofos de Florença.

Assim, as cartas registram continuamente alteridades e diferenças, coisas, enfim, que escapam às generalizações dos sistemas de conhecimento vigentes na Europa. Analogamente, trazem estudos das distâncias, anotações sobre estrelas ignotas, praticam a ciência nova de medir os astros, ao invés de considerá-los como fontes de efeitos misteriosos, segundo os preceitos medievais da astrologia, ainda corrente. Em suma, antes mesmo da noção de "Novo Mundo" ou de quaisquer resultados, tais atitudes instituem um horizonte novo, constituindo o campo empírico como critério de saber e implicando uma dimensão humana inédita com o concurso de observações etnográficas. Em conclusão, os fatos que Vespucci viu, ou o que o falsificador, agindo em seu nome, descobriu nos interstícios dos relatos de viagens, trazem a alteridade e a prova empírica para o âmbito de conhecimento da Europa renascentista e se inserem na renovação cultural extensa que se processava.

Ocorre que a retórica e os saberes de que dispunha Vespucci não bastavam para a assimilação da diversidade de traços do Novo Mundo. Explica-se a recorrência dos lamentos do autor, o seu sentimento de experimentar coisas indizíveis, as lacunas e a descrença na própria expressão; Vespucci hesita em inscrever aberrações na língua, conhecendo os cânones de harmonia prezados em Florença. Já o douto Rabelais, mais tarde, recorrerá, sem tais perplexidades, aos barbarismos como ingredientes do humanismo. Do mesmo modo, Montaigne, posteriormente, quantas dessas qualidades bárbaras não reivindicará, já na advertência inicial ao leitor⁸. Vespucci está muito próximo da tradição escolástica ou neoplatônica para ousar nas letras o mesmo que esses pósteros. Sua medida é Dante. Não lhe falta, porém, discernimento, desde o primeiro texto, para ver o que o separa da perspectiva mais antiga do poeta. Para este, o belo se afirma na medida em que transcende o planeta; já a descrição do andar, os acidentes geográficos, a atenção para o relevo pertencem significativamente à seção "Inferno". Bem diversa é a atitude do cartógrafo e astrônomo Vespucci para com a distância e o espaço. Como sábio da Renascença, trata atentamente as

(8) Para mostrar propósito de sinceridade diz: "se estivesse entre essas nações de que se diz viverem ainda sob a doce liberdade das primeiras leis da natureza, asseguro-te que de bom grado me pintaria por inteiro, e todo nu". Montaigne, M., *Essais*, op. cit., p. 35.

dimensões feito maravilhas, implicando a atividade de medir a finitude como valor, ao contrário de Dante. Perde assim "muitas vezes o sono de noite contemplando o movimento das estrelas do outro pólo para assinalar quantas delas tivessem menor movimento", acrescentando: "e não pude com quantas más noites tive, e com quantos instrumentos usei, que foram o quadrante e o astrolábio"⁹. A própria escrita de teor descritivo cumpre noutro plano essa mesma função de determinação e constituição da imanência. A premissa de objetos e limites específicos para distintos saberes, a pesquisa correlata da imanência aproximam as pesquisas do navegador e de um outro florentino, Maquiavel (1469-1527), que descortina o campo da ciência política. Na investigação da imanência feita por Vespucci a natureza se enobrece, e como não ver no epicurismo que atribui aos selvagens uma transposição da própria índole? O panteísmo latente distingue o navegador renascentista da cultura escolástica de Dante. Se reivindica a proximidade com o predecessor da mesma cidade, será como homem do conhecimento, que preza a aventura interior, porque sente, sob outra forma, aventura equivalente no curso do texto mais antigo.

Mesmo se Vespucci não consegue realizar a grande obra a que se propõe, em suas descrições preliminares, a noção de "Novo Mundo" aponta o sentido afirmativo do novo que se esboça nos seus textos. Presume-se que foi o suficiente para despertar o entusiasmo dos leitores. Bem diversa, por exemplo, foi a recepção que desacreditou os relatos, no século XIV, do mercador veneziano Marco Polo. Naquele período não se apreciavam nem a diversidade nem a paisagem, em sua crueza, como se pode verificar da representação visual da natureza nas pinturas medievais. O gosto renascentista é bem outro e explica o sucesso dos textos de Vespucci. A maravilha de medir a natureza ainda transparece na apresentação da obra *Sidereus Nuncius*, de Galileu Galilei, um outro florentino, que, um século depois, em 1610, anuncia no subtítulo: "Coisas que ninguém jamais viu e pensamentos que ninguém jamais teve/ Descobertas de astros novos no espaço físico e materialização do espaço"¹⁰.

O valor assumido pelas proposições de Vespucci pode ser apreciado pelas considerações de Montaigne, sobre o tema da viagem, que meditam sobre a dupla valência desse processo como exploração exterior e formação interior:

*o viajar me parece um exercício proveitoso. A alma tem aí um contínuo exercício de observação de coisas desconhecidas e novas; e eu não sei de melhor escola [...] para formar a vida que lhe propor incessantemente a diversidade de tantas outras vidas, fantasias e usanças, e lhe fazer provar uma tão perpétua variedade de formas de nossa natureza*¹¹.

O tema da amizade, também investigado pelo pensador como um tópico novo, permite analogamente observar a confluência da experiência cognitiva

(9) Vespucci, A., op. cit., L&PM, p. 54; Akal, p. 15.

(10) Cf. Koyré, Alexandre, *Du monde clos à l'univers infini*. Trad. Raissa Tarr. Paris: Gallimard, 1973, p. 115.

(11) Montaigne, M., *Essais*, op. cit., Livro 3, pp. 186-7.

com o processo em curso da instituição do horizonte humano. Ou seja, o impacto da descoberta do mundo se associava na época ao da descoberta do homem pelo homem. A constituição, sem a mediação da teologia, da dimensão singular humana, o humanismo, mostrou-se equiparável, na época, a novas relações interpessoais, como a uma amizade nova de cada homem consigo mesmo. Ao discorrer sobre a amizade, Montaigne, em seus *Ensaio*s, refletindo tal perspectiva, diz: "os próprios discursos que a antiguidade nos deixou sobre esse assunto [a amizade] me parecem débeis em comparação com o sentimento que eu tenho a respeito"¹². Não há aqui exagero, mas antes o registro de uma esfera empírica nova. Foi apenas a ousadia de saber, independente da religião e própria à Renascença, ou seja, a constituição do horizonte humano e do campo empírico correlato, que permitiu o desenvolvimento de formas de vida com intensidade inédita. O novo grau de reciprocidade do homem com a vida pode ser aquilata-do numa observação de Montaigne sobre a relação de amigos:

*tal mistura [...] tendo tomado toda a minha vontade, conduziu-a a mergulhar e se perder na sua; [...] tendo tomado toda a sua vontade, conduziu-a a mergulhar e se perder na minha, com uma fome, com um concurso parecido. Eu digo perder, verdadeiramente, por nada nos reservarmos que nos fosse próprio, nem que fosse ou seu, ou meu*¹³.

(12) Idem, *ibidem*, Livro I, p. 241.

(13) Idem, *ibidem*, p. 236.

Desse horizonte afetivo é que se compreende a recepção dos contemporâneos às cartas de Vespucci. O signo impresso do Novo Mundo serviu precocemente para difundir nos primórdios da indústria do livro o despertar da aventura cognitiva num mundo resgatado dos dogmas. Por isso é que as críticas do bispo Las Casas a Vespucci não foram ouvidas. O bispo, procurando desmistificar as cartas, proclamou em vão que o mérito e a glória do descobrimento cabiam a Colombo.

De outro lado, o termo América não surge de uma tentativa baseada na vontade de construir e impor a semelhança, tal a que está na origem da denominação de "Índias Ocidentais". "América" não espelha nem copia o nome Amerigo. A economia da sua circulação bem como a razão do seu triunfo fazem-na radicalmente diferente, como marca afetiva que as palavras sempre trazem à voz. América é antes uma espécie de corruptela — uma invenção coletiva, numa civilização em que as obras da língua, manifestando a exuberância de perspectivas, faziam-se mais diversificadas, plurais e acessíveis, como mostra bem o estilo contemporâneo de Rabelais (1494-1553). Neste sentido, América é o som Amerigo transformado, renascido numa nova possibilidade de jeito a dar numa nova sonoridade.

Portanto, na perspectiva que deu às terras descobertas a forma feminina do nome de um dos seus intérpretes, as cartas podem ser lidas como um estímulo à ousadia de saber — caracterizando uma aventura que Reforma e Contra-Reforma prontamente tratariam de subjugar, ocultando possivelmente com isso a significação renascentista das cartas.

Recebido para publicação em dezembro de 1992.

Luiz Renato Martins é doutorando em estética no Depto. de Filosofia da FFLCH da USP.

Novos Estudos
CEBRAP
Nº 35, março 1993
pp. 144-154
